

## As apresentações do Além e da alma dos índios Yanonámi no Brasil-noroeste

La idea de que el alma se eleva a la luna (Surára y Pakidái), respectivamente al cielo superior (Ironasitéri) es una suposición que sólo se hace posible en un estado de alucinación. El humo de huesos que se están quemando es el único signo visible del alma. Por eso resulta significativo también el hecho de que las denominaciones de alma y humo - uwexik (Surára y Pakidái), respectivamente kaukexf (Ironasitéri) sean idénticas. En la luna, resp. en el cielo superior, se renueva y rejuvenece el alma, regresando más tarde convertida en una gota de sangre, que al perforar las nubes se transforma en una gota de lluvia, a la tierra.

Nesta contribuição estão sendo apresentadas anotações sôbre setores da cultura espiritual de três tribos Yanonámi no Brasil-noroeste (Surára, Pakidái e Ironasitéri) que o autor conseguiu obter no seu trabalho de campo nos anos de 1955/56, 1966 e 1970. Os Surára e Pakidái pertencem ao lado oriental e os Ironasitéri ao lado ocidental dos Yanonámi, aquele grande grupo cultural e lingüístico, cuja pesquisa começou primeiramente no começo dos anos cinquenta do nosso centenário.

Os Surára e Pakidái têm a imaginação que a Terra possui a forma de um disco sôbre o qual se estende o Céu como semi-esfera. Todo poder se origina de Poré/Perimbó, a Lua, como Sêr bi-sexual que domina o Céu e a Terra. Ao mesmo tempo é considerado o Paraíso das almas-do-corpo dos índios Surára e Pakidái que ali estão sendo regeneradas para a sua posterior volta à Terra.



Na opinião de ambas as tribos a Lua é composta de duas partes unidas por um rio de sangue, Paraúke inení, que corre em direção norte-sul. Êste rio atravessa três grandes lagos de sangue - Oxokóra inení mahón, Oxokóra ineni porokabö e Oxokóra inení prukatabö - nos quais se realiza a regeneração das almas-do-corpo. No lago central reside Poré/Perimbó, geralmente em forma de uma grande serpente não peçonhenta, Jiboia vermelha, Oatá (*Epicrates cenchris* L.). Ela pode transformar-se em qualquer momento em um ser humano (homem ou mulher), num mamífero, num peixe, pássaro e até uma planta.

O disco terrestre representa a inversão simétrica oposta da Lua e encontra-se numa posição de dependência total da mesma. Contudo encontramos aqui uma estrutura com alinhção vertical.

Os índios acreditam que os habitantes da Lua andam com os pés para cima e que as suas cabeças com as tonsuras raspadas estão viradas para baixo; o mesmo se refere a Poré/Perimbó. Mas também os animais andam virados e os cumes das árvores mostram também para baixo. Quando na Lua é dia, é noite na Terra. A imagen feita em relação à superfície da Lua corresponde não só com a maloca circular dos Surára e Pakidái no meio de plantações, rodeada por matas, montes e rios como também de tôda a Terra, admitida como um disco completamente circular.

Um pouco diferente apresenta-se a imaginação de Além dos Ironasitéri. Aquí encontramos uma estrutura com alinhção horizontal e vertical, em forma de dois Céus, dos quais o superior é considerado o paraíso das almas-do-corpo de Ironasitéri falecidos, a Terra e o sub-mundo. Dois montes elevados ("Inselberge"), um no oeste, outro no leste, servem como apoio para o Céu. Atrás de ambos os montes encontra-se um buraco cavado pelo tatu o qual é ligado à galeria do sub-mundo; esta é regularmente percorrida pela Lua e pelo Sol.

Mas também os Ironasitéri acreditam que ambos os Céus, a Terra e o sub-mundo são dominados por Poré/Perimbó. Complementarmente êles adoram dois filhos da divindade lunar, irmãos gêmeos, chamados Omaua e Omayali. Ambos ocupam funções de encarregados suplentes para o Céu, o sub-mundo respectivamente; o primeiro considera-se como o princípio do bem e o segundo como o do mal. O respeito à Lua é tão predominante que os membros de tôdas as três tribos temem rezá-la diretamente; usam, como intermediários, espíritos gigantescos do reino animal e vegetal - Hekurá (denominação dos Surára e Pakidái) resp. Hekúla (denominação dos Ironasitéri) - que vivem em determinadas serras. São aliados leais da divindade lunar com boa reflexão sobre o homem. Ao mesmo tempo estão atentos para evitar a tortura ou matança inútil de animais e observam que as plantas sejam cultivadas com cuidado, impedindo arrancá-las desnecessariamente. Tôda infração contra êste princípio pode ser castigada por Hekurá, respectivamente Hekúla, por meio de acidentes, doenças, colheita precária ou má sorte na caça.

O contato com êstes espíritos gigantêscos vegetais e animais é feito por meio d'uma espécie de rapé, epená. Êste é composto de vários ingredientes: Semente de Parica (*Piptadenia peregrina* Benth.) denominada maxaracá e a cinza da casca queimada d'uma espécie de mimosa selvagem (*Mimosa acacioides*?) chamada hekuráhihená. Nesta última denominação é notável que ali se encontra a palavra com a qual os Surára e Pakidái denominam os espíritos gigantêscos vegetais e animais Hekurá com os quais os homens podem entrar em contato por meio do rapé. O curandero - xaborá (Surará e Pakidái), xabolá (Ironasitéri) - e seus auxiliares - xaboramá (Surára e Pakidái), xabolamí (Ironasitéri) - sopram-se êstepó, antes de cada ato cerimonial ou cura, mütuamente no nariz. Através do mesmo entram num estado de êxtase no qual se identificam com os gigantêscos espíritos animais e vegetais; nêste estado sentem-se como Hekurá, resp. Hekulá personificados. Surge então a imaginação da unidade bi-sexual Poré/Perimbó. Sômente nêste estado podem realizar os seu ritos religiosos e o mito torna-se realidade.

Tôdas as três tribos acreditam que cada Yanonámi que completa o terceiro ano de vida, possui uma alma-do-corpo - uwexíik (Surára e Pakidái) resp. kaukexí (Ironasitéri) - que se encontram nos ossos. A alma-do-corpo dos rapazes e homens - uwexíik auá (Surára e Pakidái) resp. kaukexí auá (Ironasitéri) - é clara e aquela das moças e mulheres - uwexíik miritíiti (Surára e Pakidái) resp. kaukexí miritíiti (Ironasitéri) - é escura (1). Êstes índios admitem que além da alma-do-corpo existem em cada indivíduo, após completar o terceiro ano de vida, mais duas almas externas do corpo, enviadas pela divindade lunar bi-sexual Poré/Perimbó; a alma-livre - petaxíbe (Surára e Pakidái) resp. petaxó (Ironasitéri) - e a alma-sombra - petanuáhi (Surára e Pakidái) resp. petanáí (Ironasitéri). Estas últimas almas mencionadas estão estreitamente ligadas à alma-do-corpo mas exercem também independentemente funções importantes que podem influenciar a vida em sentido positivo (alma-livre) ou negativo (alma-sombra).

Sómente durante a cremação de um membro morto da tribo sobe a fumaça com a alma - uwexíik (Surára e Pakidái) resp. kaukexí (Ironasitéri) (2) - que se encontra nos ossos - uakón (Surára e Pakidái) resp. uakún (Ironasitéri) - e que durante a vida nunca deixa o corpo, para atingir êste paraíso.

Para êste fim o falecido é pôsto num cavalete de pau que é pendurado no cume d'uma árvore alta, aproximadamente vinte minutos distante da maloca. Aquí a carne apodrece e cai pela grade para o chão, onde é comida pelas formigas e abutres (3). Na cremação do esqueleto que resta a alma deixa os ossos sem dificuldades e subindo com a fumaça chega à Lua. De pessoas idosas sómente a cabeça interceptada é pendurada na árvore (o restante do corpo é amarrado em posição de cócoras e enterrado sem qualquer cerimônia), pois os índios acreditam que o corpo das mesmas é tão esgotado que a alma se recolheu nos ossos da cabeça.

Os índios Yanonámi pesquisados acreditam que o morto, na alta copa das árvores, acha-se numa posição mais próxima à Lua que está sendo venerada como Sêr Supremo e Paraíso dos Mortos. Além do mais êles admitem que cada sêr humano fôsse idêntico com uma árvore - hitehí (Surára e Pakidái), hitehéri (Ironasitéri) - e aqui principalmente com a árvore-do-sangue ou da chuva da Lua. Na copa desta árvore o Japím, um pequenopássaro prêto-amarelo, teria tido um ninho e segundo determinação de Poré / Perimbó voou para a Terra, trazendo os primeiros homens. Êstes dados esclarecem que esta forma de sepultura é regida pela reincarnação.

Após à chegada à Lua, as almas-do-corpo dos homens que são claras, habitam a parte oriental e as escuras das mulheres a parte ocidental de cada semi-Lua. Em ambas as semi-Luas existem animais caçáveis em abundância, quadrúpedes, pássaros e peixes assim como plantas comestíveis de toda espécie, desta forma que nenhuma alma-do-corpo é obrigada a sentir fome.

Guerras não são travadas na Lua pois a divindade Poré/Perimbó deseja um estado pacífico. Uma alma que age contra esta determinação será jogada no rio-de-sangue pelos Hekurá resp. Hekúla responsáveis por paz e ordem, sendo levada rapidamente ao mar-de-sangue do Céu onde afoga. Também não se pratica o ato sexual na Lua, pois as almas não possuem corpos para êste fim. Comer e beber é necessário para a vida, diziam os Yanonámi pesquisados, mas não o ato sexual. Se as almas que se encontram na Lua gerassem filhos seria ameaçado todo o sistema da reincarnação.

Na regra, uma alma-do-corpo permanece na Lua por um tempo correspondente à três períodos da chuva ou da sêca (imaginação dos Surára e Pakidái) resp. no Céu superior (imaginação dos Ironasitéri). A seguir será transformada por Poré/Perimbó numa pequena lontra - haraikása (Lutra sp.) (Surára e Pakidái) resp. haraikáwa (Ironasitéri) - e vive novamente o mesmo tempo num dos grandes lagos-de-sangue na Lua - Oxokóra inení (Surára e Pakidái) resp. Oxokóra inenéri (Ironasitéri). Nesta fase as almas rejuvenescem e preparam-se para o seu nôvo estado na Terra que tomará um percurso completamente diferente. Pois uma alma que nesta vida achava-se ligada ao corpo de um homem, pertencerá ao corpo de uma mulher e vice-versa. Êste processo procura manter o equilíbrio dos sexos. O lago-de-sangue é considerado correspondente a uma vagina de tamanho sobredimensional - nakahíke (Surára e Pakidái) resp. nakahikú (Ironasitéri) - e exerce uma função de destaque no quadro da imaginação da reincarnação.

Após a reincarnação das almas-do-corpo nos lagos-de-sangue, onde muda a côr, reúnem-se as almas agora claras naquêlo lago que se encontra na parte superior do rio-de-sangue e as escuras naquêlo que está situado na parte inferior. Em ambos os lagos serão reduzidas por Poré/Perimbó que cabem numa gota de sangue. Quando a divindade, ao sacudir a árvore-da-sangue ou da chuva, manda sangue dos lagos à Terra, que, ao penetrar as

nuvens se transforma em chuva, maá, encontram-se nesta numerosas gotas contendo almas reduzidas.

Nêste caminho chega ao pênis atado para cima - moroxí (Surára e Pakidái) resp. moraxí (Ironasitéri) - de um certo homem. Êste é o motivo primário pelo qual todos os homens Yanonámi amarram o pênis para cima por meio de um cordão de cintura; o prepúcio serve então como funil apanhador. No ato sexual com uma mulher, a alma penetra a vagina - nakahíke (Surára e Pakidái) resp. nakahikú (Ironasitéri) - e inicia o desenvolvimento de um bebé - ihirú (Surára e Pakidái) resp. ihirubé (Ironasitéri) no seu corpo. Êstes índios acreditam que, sem a alma, nenhum corpo pode-se desenvolver.

Mesmo após o parto, o processo de renovação da alma ainda não está terminado. Por isso, a criança recém-nascida continua sem nome nos primeiros três anos de vida, pois pertence ainda à carne e ao sangue da mãe. Quando, no início do quarto ano de vida recebe um nome de Poré/Perimbó, por intermédio dos Hekurá resp. Hekúla e do pai no estado de êxtase do rapé, um nome do reino animal e vegetal, a criança, dispõe então de uma alma madurada, que agora, após o estado de rejuvenescimento, é completamente desenvolvida. O nome portante é uma parte da alma e nunca deve ser usado na vida diária nem perante estranhos. Os índios chamam-se mutuamente com apelidos ou com nomes plagiados da língua portuguesa.

Uma criança que nasce com defeitos físicos, mata-se logo após o parto e é jogada no rio pois êstes defeitos comprovam que a alma está doente e não possui capacidades para desenvolver uma criança sadia; é preciso afogá-la. Também julgam necessário o fim de vida forçado para os membros da tribo, gravemente enfermos ou velhos, incapazes a participar das jornadas na selva. Acredita-se que estas almas têm a possibilidade de se rejuvenescer na Lua respectivamente no Céu superior e para voltar à Terra para uma vida nova.

Se uma alma não sobe com a fumaça para a Lua ou para o Céu superior, transforma-se em alma-sombra e extingue. Isto pode acontecer por exemplo com um guerreiro abatido na luta na região do inimigo ou com um membro da tribo que tenha agido contra as proibições do incesto e violação que impedem a cremação após a morte.

É portanto um pensamento concreto dos Surára, Pakidái e Ironasitéri a imaginação de que a alma se encontra nos ossos dos seres humanos e com a cremação dos mesmos chegue à Lua resp. ao Céu superior. Além do mais acontece que os homens, em noites de lua cheia, ao dançar em volta da fogueira se encontram numa êxtase inimaginável, provocada pelo rapé, epená. Dali é visível que as imaginações do Além e da Alma dos três tribos Yanonámi só se realizam no estado de êxtase dos homens. Mesmo no estado normal consideram estas imaginações como realidades. As mulheres não usam o pó epená mas baseando nas afirmações dos seus maridos também estão penetradas da crença do Além e das imaginações da Alma.

Resumindo pode-se dizer: A imaginação d'uma alma subindo à Lua (Surára e Pakidái) resp. ao Céu superior (Ironasitéri) é uma hipótese que só no estado de êxtase torna-se possível. A fumaça de ossos queimando é o único visível da alma. Por isto é notável que os nomes para alma e fumaça - uwexík (Surára e Pakidái) resp. kaukexí (Ironasitéri) - são idênticos. Na Lua, respectivamente no Céu superior, a alma se renova e rejuvenesce, volta numa gota de sangue e ao penetrar as nuvens transformar-se numa gota de chuva, retornando à Terra.

Apesar do modo de pensar complexo dos citados Índios Yanonámi tôdas as imaginações do Além e da Alma são uma realidade irremovível.

#### NOTAS

- (1) A coloração escura refere-se ao sangue do sexo femenino, considerado mais escuro. Crê-se também que as mulheres possuem maior quantidade de sangue que os homens e que o mesmo dispõe de forças mágicas.
- (2) Ambos os nomes são idênticos com fumaça, nuvem.
- (3) Na região quente-húmida do equador este processo necessita quatro a seis semanas.

#### LITERATURA

Becher, Hans

- 1957 Bericht über eine Forschungsreise nach Nordwestbrasilien in das Gebiet der Flüsse Demini und Aracá. "Zeitschrift für Ethnologie", Bd. 82: 112 - 120. Braunschweig.
- 1959 Algumas notas sobre a religião e a mitologia dos Índios Surára. "Revista do Museu Paulista", N.S., vol. XI: 99 - 107. São Paulo.
- 1960 Die Surára und Pakidái. Zwei Yanonámi-Stämme in Nordwestbrasilien. "Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg", Bd. 26. Hamburg.
- 1962 Yanonámi. Neue wissenschaftliche Erkenntnisse über die älteste Bevölkerungsgruppe Amazoniens. "Vortragsreihe der Niedersächsischen Landesregierung zur Förderung der wissenschaftlichen Forschung in Niedersachsen, herausgegeben im Auftrage des Niedersächsischen Ministerpräsidenten", Bd. 23. Göttingen.
- 1974 Poré/Perimbó. Einwirkung der lunaren Mythologie auf den Lebensstil von drei Yanonámi-Stämmen - Surára, Pakidái und Ironasitéri. "Völkerkundliche Abhandlungen", Bd. VI. Hannover.
- 1974 a A lua e a reencarnação. A criação do homem na imaginação dos Índios Surára, Noroeste do Brasil. "Indiana", 2: 227 - 238. Berlin.

## ESTAMPAS

Figs. 1-2: Representação gráfica. O quadro mundial religioso dos índios Ironasitéri. Lua, dois Céus, Terra e Sub-mundo.

O céu inferior está apoiado nos cumes de dois morros-coluna. No pé de cada morro encontra-se um buraco cavado pelo tatu que dá acesso à galeria do Sub-mundo; esta é regularmente percorrida pela Lua e pelo Sol.

- I - Perimbó - (Lua)
- II - Hetumisse mahón - (Primeiro céu)
- III - Hetumisse porokabö - (Segundo céu)
- IV - Masitaka (Surára, Pakidái), Másita (Ironasitéri) - (Terra)
- V - Pitá mitfti (Surára, Pakidái), Pitá mititéri (Ironasitéri) - (Sub-mundo)
- VI - Peniboínsi (Surára), Motoká (Pakidái), Motóka (Ironasitéri) - (Sol)
- VII - Peatfle (Surára, Pakidái), Mák (Ironasitéri) - (Morro-coluna)
- VIII - Pefluxímaakuimate - (Ocaso)
- IX - Pefluxomoprahamoprariekohé - (Levante)

Desenho do Stefan Jaworsky, Celle.

Fig. 3: Homens Surára e Pakidái, na festa em memória dos mortos, soprando rapé no nariz.

Fig. 4: Maloca dos Surára na região entre os rios Demini e Aracá; nos fundos, morros-coluna.

Fig. 5 Kurikayawö, irmão mais nôvo do chefe da tribo Surára.

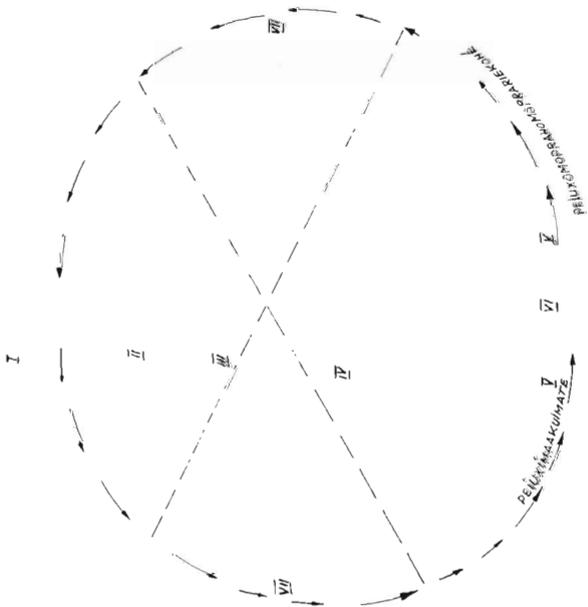


Fig. 1

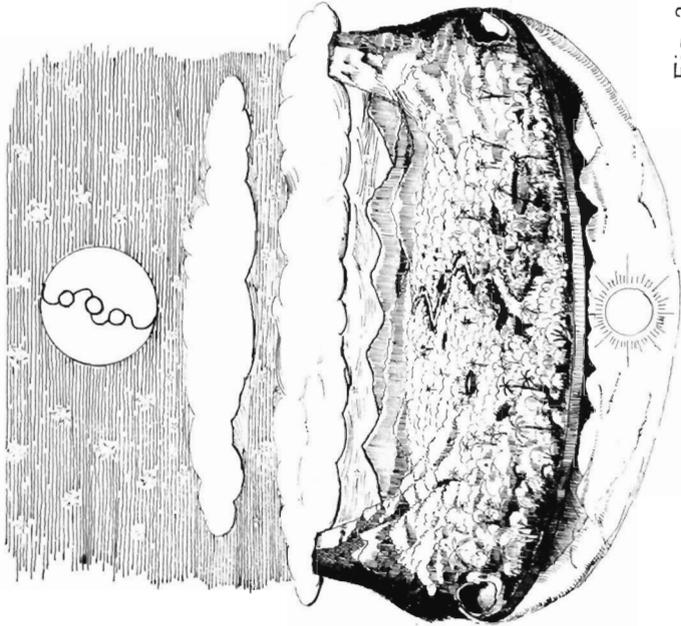


Fig. 2

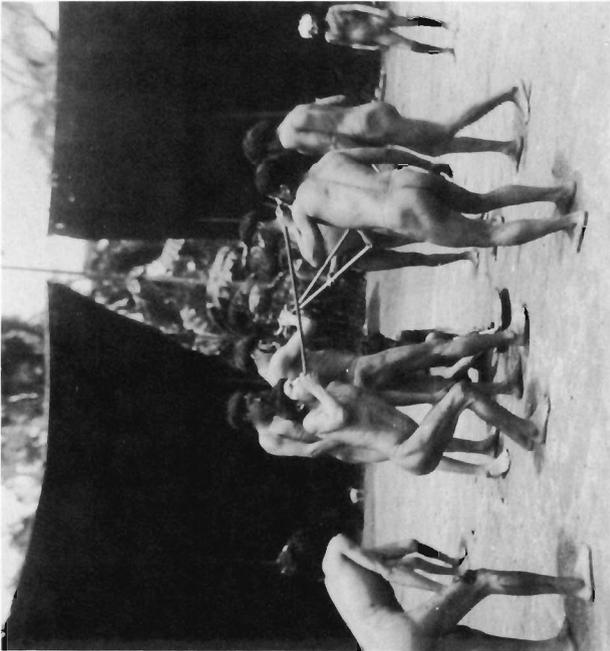


Fig. 3



Fig. 4

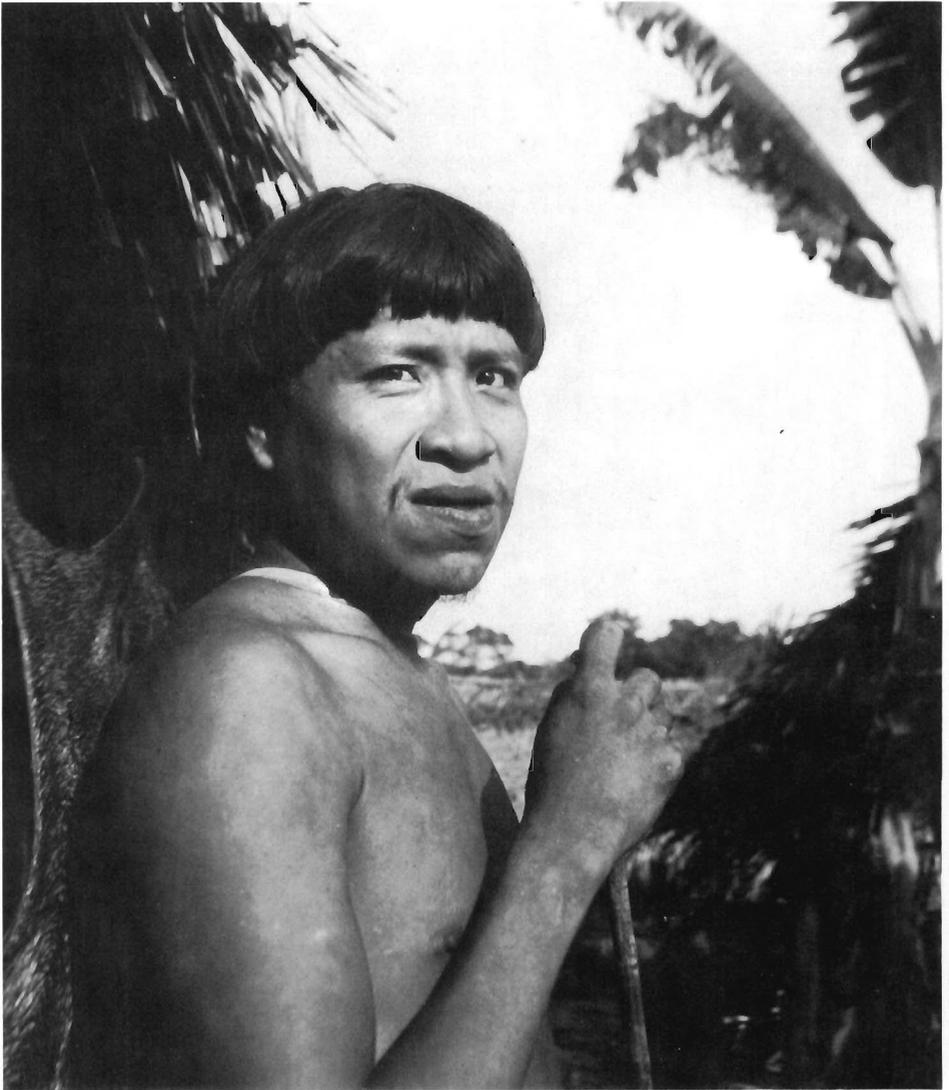


Fig. 5